

Crescimento rápido ou morte

Economista de Princeton vê risco de recessão

CRISTINA BORGES

Melhorar a qualidade dos gastos públicos e aumentar a poupança interna são pontos-chave para garantir um crescimento contínuo do país, a uma taxa entre 4% e 5% ao ano. O professor de Economia da Universidade de Princeton, nos EUA, José Alexandre Scheinkman, bate na tecla que é de conhecimento público, mas que até hoje não produziu sons. "São necessárias iniciativas profundas para alterar toda a maneira como o Brasil gasta seus recursos".

Scheinkman não esconde que se preocupa com uma recessão. "O país tem que pensar no que pode levar a uma taxa de crescimento adequado para gerar emprego e remuneração apropriada, com avanço de 5% a 6% da renda per capita ao ano". De 1980 para cá, afirma, a renda per capita não cresceu nada: 0,1%. Ele lembra que não há milagres



Scheinkman: "Nos últimos 20 anos, o Brasil não saiu do lugar"

para chegar a uma taxa de crescimento alto, por longos períodos, a exemplo da Coréia e de Taiwan.

Para tanto, recomenda aumentar a poupança interna –

"muito baixa" –, através do redirecionamento dos gastos correntes das três esferas de governo para investimentos em poupança pública. O limite suportável de dependência de pou-

pança externa, no seu entender, é de cerca de 4%.

"Não dotamos o país de condições de crescimento de longo prazo. Nos últimos 20 anos, o Brasil não saiu do lugar". Scheinkman calcula que se o país tivesse crescido nas duas últimas décadas às mesmas taxas registradas entre os anos 60 e 80, a renda per capita atual seria 2,4 vezes maior. "Seríamos uma Coréia", diz o professor de Princeton ao defender uma visão de longo prazo. Ao mesmo tempo, não resiste a lembrar do mestre Keynes: "No longo prazo estaremos todos mortos".

Ele descarta preocupações imediatas para o próximo ano porque, sob o ponto de vista estritamente conjuntural, "não se fez nada para o longo prazo, que é o que conta". O Brasil é um país jovem, continua, e paradoxalmente gasta muito com idosos da classe média e pouco com crianças, referindo-se à Previdência Social. Scheinkman aponta, ainda, como obstáculo ao crescimento, o atual sistema de impostos que "encoraja a sonegação".